

Classe alta sente mais a crise

(Não Assinado)

A classe AB, a mais alta da pirâmide social brasileira, perdeu espaço em termos de ascensão social desde o agravamento da crise financeira internacional em setembro, caindo 0,65% no período compreendido até dezembro.

A constatação é da Fundação Getulio Vargas (FGV), que divulgou ontem um estudo sobre a mobilidade social no País com a crise.

No mesmo período dos dois anos anteriores, 2007 e 2006, a classe AB subiu 3% na pirâmide. O autor da pesquisa, Marcelo Néri, explica que, se antes, de cada 100 pessoas que estavam na classe AB 20 caíam a cada ano, hoje, essa relação chega a 25.

Dessas 25 pessoas, quatro caíram diretamente para a classe E. Néri diz que é provável que sejam pessoas que perderam o emprego ou faliram por conta da crise.

As pessoas com renda mais alta estão vinculadas aos canais de impacto da crise, como o setor exportador, financeiro e imobiliário. “A boa notícia é que esses setores são menos importantes aqui do que em outros países, em termos de emprego, de indicadores de renda.”

Néri observa que o fato de a economia ser relativamente fechada e regulada garantiu uma maior proteção de choque financeiro externo.

O levantamento da FGV aponta, no entanto, que a crise não afetou tanto a classe C, onde o movimento de ascensão não foi interrompido.

A classe média emergente continua crescendo nas seis principais metrópoles do País (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre).

Intitulado Crônicas de uma Crise Anunciada: Choques Externos e a Nova Classe Média, o estudo mostra que, em dezembro de 2008, a classe média (classe C) passou a representar 53,8% da população.

No mesmo período de 2007, esse percentual era de 51,8%. As classes D e E também continuaram encolhendo. Enquanto 6,79% da classe D migrou para classes mais altas, na classe E, esse percentual chegou a 8%